



DIFICULDADE DE OS OCIDENTAIS COMPREENDEREM OS PROBLEMAS BALCÂNICOS DE ORIGEM GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E RELIGIOSA(*)

Dino Willy Cozza

Matéria extraída da palestra proferida pelo autor, em 16.02.93, no auditório do Museu Naval e Oceanográfico do Serviço de Documentação Geral da Marinha, em sessão magna da Sociedade Brasileira de Geografia.

O artigo dá, ao leitor, uma idéia da complexidade dos fatores que deram origem à conjuntura da Iugoslávia pós-Tito.

INTRODUÇÃO

Era uma vez um rei chamado Pedro I. Ele proclamou a independência de seu reino. A população desse novo país era formada por três etnias. Eis como, em 1918,

* Selecionado pelo PADECEME

sérvios, croatas e eslovenos, sob o rei da Sérvia, passaram a ter o seu Estado, o qual, em 1929, seria o dos eslavos do Sul, ou Iugoslávia.

Muitas águas já passaram sob a pequena ponte do rio Miljacka, onde Gavrilo Princip assassinou o Arquiduque Francisco Ferdinando, em 28 de junho de 1914, dando causa à Primeira Guerra Mundial. Em um retorno insen-

DIFICULDADE DE OS OCIDENTAIS COMPREENDEREM OS PROBLEMAS Balcânicos DE ORIGEM GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E RELIGIOSA

sato da história, o século vinte, após todas as suas desventuras, volta a Sarajevo, banhando em sangue feudos e apocalipses. Lições aprendidas? Possivelmente nenhuma.

O propósito deste trabalho é recordar alguns dados geográficos, históricos, étnicos e religiosos sobre a região e os povos balcânicos, centrados na explosiva e explodida Iugoslávia, a fim de que possamos tentar compreender a questão dos Balcãs e deduzir os problemas que poderão, em consequência, afetar o restante do mundo e o Brasil.

ALGUMAS RECORDAÇÕES GEOGRÁFICAS E CRONOLÓGICAS

Sarajevo, mais uma vez vitrine de um Estado feito "sob medida", tornou-se o símbolo moribundo da loucura planetária. Sob as ruínas do comunismo de Tito, a onda nacionalista tornou-se delírio mortal. O acesso à independência da Croácia, da Eslovênia e da Bósnia-Herzegovina não poderia se efetuar sem paixões. A "purificação étnica" ressurgiu dos bastidores da história. Ela fez retornar ao início do século pasado, ir mesmo à Idade Média. Da velha cidade otomana aos vestígios da que foi a receptora da paz olímpica, Sarajevo não é mais que chamas e caos.

Vamos recordar alguns dados geográficos, históricos e cronológicos.

- A ex-Iugoslávia fica a sudeste da Europa. Sua área é de 255.804km², pouco maior que o nosso Estado do

Piauí. Limita-se com a Áustria ao norte; a Romênia e a Bulgária a este; a Grécia e a Albânia ao sul; e o Mar Adriático e a Itália a oeste. Sua população, de 23.690.000 habitantes (pelo censo de 1989), é etnicamente composta de sérvios (36,3%); croatas (19,7%); mulçumanos da Bósnia (8,9%); eslovenos (7,8%); albaneses (7,7%); macedônios (6%); e montenegrinos (2,6%). A densidade demográfica é de 92,6 habitantes/km², os analfabetos são 7,3% da população (1990) e os gastos com a defesa correspondem a 2,2% do PNB.

- Alguns dados cronológicos: em 395 da era cristã, Teodósio I, imperador romano, divide o império em duas partes: o Ocidente, que compreende a Croácia, a Eslovênia e a Bósnia; e o Oriente (Império bizantino) que incluía o que hoje é a Macedônia, o Montenegro e a Sérvia. O Ocidente utiliza o alfabeto latino e será atraído pela Igreja católica romana. O Oriente emprega a escrita cirílica e adotará o rito da Igreja ortodoxa. O século seis marca a chegada dos eslavos nos Balcãs e o ano de 1102 a união húngaro-croata (Mapa 1).

- Marcos dos dois impérios: 1389 — Batalha de Kosovo, vitória dos turcos sobre os sérvios; 1462 — conquista da Bósnia pelos turcos; 1526 — Batalha de Mohacs, conquista da Eslovênia e da Hungria pelos turcos; 1527 — Dieta de Cetin, Ferdinando de Habsbourg é eleito rei da Croácia; 1684/1698 — guerra austro-turca, reconquista da Hungria e da Eslovênia pelos austríacos; 1715/1718 — conquista de Banat e da Sérvia pelos aus-

DIFICULDADE DE OS OCIDENTAIS COMPREENDEREM OS PROBLEMAS Balcânicos DE ORIGEM GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E RELIGIOSA

tríacos; 1737/1739 — reconquista da Sérvia pelos turcos (Mapa 2).

- As duas revoluções, fatos marcantes: 1830 — autonomia da Sérvia; 1867 — evacuação da Sérvia pelas guarnições turcas, compromisso austro-húngaro; 1868 — compromisso húngaro-croata, assassinato do príncipe da Sérvia, Michel Obrenovic; 1875/1878 — revoltas contra os turcos na Bulgária e na Bósnia; 1878 — Tratado de São Estéfano, Congresso de Berlim, a Sérvia obtém sua independência da Turquia e tenta formar um Estado eslavado com a Eslovênia e a Croácia, porém a Áustria-Hungria recusa a independência e ocupa a Bósnia-Herzegovina; 1902 — primeiros atritos entre sérvios e croatas, em Zagreb; 1903 — assassinato do rei da Sérvia, Milan Obrenovic; 1908 — anexação da Bósnia-Herzegovina pelos austríacos; 1912 — primeira guerra balcânica (contra a Turquia); 1913 — segunda guerra balcânica (contra a Bulgária); 1914 — assassinato de Francisco Ferdinando de Habsbourg, arquiduque da Áustria, em Sarajevo, por um sérvio da Bósnia, declaração da Primeira Guerra Mundial somente a Sérvia, incluindo a parte iugoslava da Macedônia, e o Montenegro eram independentes, enquanto a Croácia, a Eslovênia e a Bósnia-Herzegovina faziam parte do império Austro-Húngaro. A Sérvia liderava o Movimento de Unificação Pan-Eslava, que levou a um dos maiores e mais complexos conflitos que a humanidade já conheceu; 1918 — vitória dos Aliados, em maio, proclamação, em dezembro, do reino dos sérvios, croatas e eslovenos, sob

o governo do rei Pedro I, da Sérvia (Mapa 3).

- Acontecimentos que marcaram a monarquia: 1929 — suspensão da Constituição, o rei Alexandre, sucessor de Pedro I, proclama o reinado da Iugoslávia e instaura uma ditadura, a hegemonia sérvia é reforçada, em prejuízo dos outros povos da Iugoslávia; 1934 — assassinato do rei Alexandre, em Marselha, por um macedônio, Regência do príncipe Paulo; 1939 — assinatura do compromisso sérvio-croata, invasão da Polônia e início da Segunda Guerra Mundial.

- A Segunda Guerra Mundial: 1941 — 27 de março, golpe de Estado, derubada do regente Paulo, posse do rei Pedro II; 06 de abril, invasão da Iugoslávia; 10 de abril, proclamação do Estado independente da Croácia, ligado aos nazistas; abril/maio, início dos massacres dos sérvios, na Croácia, dirigidos por Ante Pavelic; maio, início da resistência dos "partisans"; 1945 — capitulação da Alemanha, ocupação de Trieste, a Iugoslávia torna-se uma república comunista dirigida por Tito, um croata, que comandava o exército dos "partisans" durante a Segunda Guerra Mundial. Tito instaura um Estado federal, formado por seis repúblicas iguais em direito, e esperava, assim, suprimir as rivalidades nacionais.

- Marcos do período governamental de Tito: 1948 — ruptura entre Tito e Stalin; 1954 — divisão do território livre de Trieste entre a Itália e a Iugoslávia; 1980 — morte de Tito, em quatro de maio, os movimentos nacionalistas começam a se esboçar; 1981

DIFICULDADE DE OS OCIDENTAIS COMPREENDEREM OS PROBLEMAS Balcânicos DE ORIGEM GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E RELIGIOSA



MAPA 1 — Sérvia, Bósnia e Croácia em 1355



MAPA 2 — Os Impérios otomano e austríaco-húngaro em 1815

— distúrbios em Kosovo, província autônoma, cuja população é de maioria albanesa, que reclama a situação de república (Mapa 4).

Não será apresentado um resumo dos principais fatos da última década, por estarem nas manchetes dos jornais e na nossa memória. O que se destaca das recordações que fizemos dos conflitos de nacionalidades entre os povos do que se chama a "ex-Iugoslávia" remontam à Idade Média. Ainda hoje, a maior parte dos dirigentes sérvios, croatas ou muçulmanos reclamam, antes de tudo, uma legitimidade geográfica e também histórica. Teodósio I, Tito, Milosevic e Ante Markovic são atores da história complexa e confusa dos Bálcãs, e a história desses atores é formada por guerras, conquistas, revoluções, assassinatos de governantes, golpes de Estado, massacres, resistência, capitulação, ruptura, distúrbios e independência.

RAZÕES DOS CONFLITOS ÉTNICOS ENTRE SÉRVIOS, CROATAS E MUÇULMANOS

Ao longo de sua história, a Bósnia tem estado no centro dos conflitos entre sérvios e croatas. Devemos retornar à época medieval para compreender as razões dos conflitos inter-étnicos.

Em primeiro lugar, vamos focar a Bósnia. Na época romana, essa região mineira, montanhosa, com a maior cobertura florestal dos Bálcãs, pertencia à província da Dalmácia, cuja fronteira setentrional corresponde à

fronteira da Bósnia atual. Os eslavos, compreendendo os croatas e sérvios, instalam-se nos Bálcãs, junto à Bósnia, nos primeiros decênios do século sete. Convertem-se ao cristianismo. O nome Herzegovina é mais recente. Esta parte, meridional e rochosa da atual República deve seu nome a Stejepan Vukcic, potentado autoproclamado "Herzog de São Sava", fundador da igreja sérvia, que rompeu, em 1448, com o rei da Bósnia. Após 1250, a Bósnia submeteu-se à autoridade dos húngaros. Em 1463, a Bósnia sucumbe aos turcos e, em 1528, os otomanos expulsam definitivamente os húngaros. A Herzegovina, dividida no século 16 entre a Bósnia, e a Sérvia será inteiramente subjugada, em 1482.

Qual seria a importância da influência otomana? O domínio turco da Bósnia dura até o Congresso de Berlim, em 1878, e este é também o destino da maior parte dos países balcânicos. Na Bulgária, por exemplo, os turcos estão presentes de 1393 a 1878.

A influência turca na Bósnia, notadamente em relação à confissão muçulmana, foi marcante. Quatro séculos de dominação deixam marcas profundas. É interessante notar que a Bósnia, na Idade Média, foi uma região mais sujeita à imigração que os outros países dos Bálcãs. E, assim, a islamização revelou-se mais rápida e mais massiva que em outras partes da península.

Pressionados pelos turcos, os sérvios da Herzegovina começam a procurar a Croácia, a partir da segunda metade do século quinze; os croatas

DIFICULDADE DE OS OCIDENTAIS COMPREENDEREM OS PROBLEMAS Balcânicos DE ORIGEM GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E RELIGIOSA

via, tenta se libertar. Os sérvios da Bósnia são impregnados desse espírito insurrecional. Eles consideram, assim como os outros eslavos do sul, a Sérvia como um Piemonte balcânico.

Mais que fervor religioso, o acatamento ao islamismo é uma vontade de manter posições sociais privilegiadas. Os viajantes estrangeiros observaram constantemente ausência de zelo religioso entre esses rebeldes.

Diversos são os argumentos que apoiam os nacionalistas de ambos os bordos. Ponto de vista croata: a heresia na Bósnia medieval representava uma heresia mais próxima ao catolicismo, e os croatas são católicos, logo, a Bósnia é croata. Ou ainda, como a Bósnia figurava entre os títulos oficiais e pretensões dos reis da Hungria, a Croácia foi destacada, em 1102, da Hungria e criou-se um reinado croata-húngaro, logo, a Bósnia é croata... Ponto de vista sérvio: a Bósnia foi sérvia na Idade Média, os muçulmanos não são mais que sérvios islamizados, logo, a Bósnia é sérvia. Ou ainda, os muçulmanos não são turcos, os turcos eram os opressores, os sérvios são mais numerosos que os croatas na Bósnia, logo, a Bósnia é sérvia...

Em verdade, na Bósnia-Herzegovina, os muçulmanos são maioria relativa ou absoluta. O que se constata, geográfica e historicamente, é que a Bósnia-Herzegovina, nas suas fronteiras atuais, jamais esteve no seio do Estado sérvio. Ao contrário, integrou um Estado independente croata, desde a Segunda Guerra Mundial.

Como era a Bósnia-Herzegovina na primeira Iugoslávia de 1918? O Estado criado em 1918 é, por definição, unitário. Sérvios, croatas e eslovenos compõem uma nação trinominal. Aos muçulmanos, cuja cultura e língua são semelhantes às dos outros eslavos do sul, não resta senão aceitar essa concepção, e reconhecer que sua origem, antes da islamização, era sérvia ou croata, ou se identificar aos turcos. Todavia, os muçulmanos optaram pela segunda opção. Antes mesmo, após o Congresso de Berlim, em 1878, os emigrantes bósnios, que se refugiam em Kossovo, embora sob o jugo turco, são progressivamente assimilados à população majoritária, os albaneses (muçulmanos), de Kossovo.

Durante a duração dessa Iugoslávia, os muçulmanos permaneceram marginalizados, subdesenvolvidos e, na imensa maioria, influenciados por um partido político muito conservador, a Organização Muçulmana Iugoslava.

Que foi a Bósnia durante a federação de Tito? A federação nasceu em 1943, na Bósnia. Das seis repúblicas que compunham a Federação, somente a Bósnia-Herzegovina não foi imaginada como tal, em razão da composição multinacional de sua população; os muçulmanos são considerados como iugoslavos, ou ainda nacionalmente não declarados.

A paisagem étnica da Bósnia-Herzegovina sofreu certas mudanças. Ao final da guerra, os sérvios disputavam de maioria relativa; em 1953, existiam 43,8% de sérvios, 31,3% de muçulmanos de origem iugoslava e

DIFICULDADE DE OS OCIDENTAIS COMPREENDEREM OS PROBLEMAS Balcânicos DE ORIGEM GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E RELIGIOSA



MAPA 4 — A Iugoslávia de 1945 a 1991

23,3% de croatas. Porém, entre os sérvios é croatas da Bósnia-Herzegovina, a emigração tornou-se constantemente mais forte que a imigração.

O contrário deu-se com os muçulmanos. Na Iugoslávia de Tito é a Bósnia-Herzegovina que conhece os maiores progressos. Os casamentos miscigenados se multiplicam. Tito goza da simpatia da Bósnia-Herzegovina, mais sincera que os sentimentos que ele inspira na Croácia natal, sem falar na Sérvia. A Iugoslávia de Tito aparecia na Bósnia-Herzegovina como uma proteção contra os perigos do passado. Os croatas, a despeito de seu menor número, participavam do

poder com direitos iguais aos demais; os muçulmanos obtiveram inteira legitimidade e nacionalidade.

ETNIAS OU NACIONALISMO?

Se uma guerra étnica define-se pelo caráter tão elementar de que é indiscutível suas motivações, então a Iugoslávia efetivamente mergulhou na mais étnica das guerras. Classicamente, a definição de etnia refere-se à língua, religião, ao modo de vida, às crenças, elementos cuja soma, total ou parcial, constituem uma cultura. No que concerne ao emblema lingüístico, o sérvio e o croata apresentam diferenças,

notadamente no alfabeto, podendo ser consideradas línguas distintas. Mas elas são suficientemente próximas para serem consideradas como duas variantes de um mesmo idioma, o "servo-croata".

E mais, os muçulmanos foram "inventados" em 1971, para ocultar a denominação corrente da *bosanci*, *bosniques* em francês, bosniávios para nós, que era dada aos eslavos islamizados da Bósnia. Assim, se é ilusório procurar-se retirar da classificação étnica a substância embutida na cultura, língua e espírito específico, não resta senão que considerar em termos de etnicidade que são expressas as realidades locais ou regionais herdadas da história agitada dos Balcãs.

O drama, de fato, resulta da emergência da nação como motivo principal do discurso político. A guerra aparece como o produto que se poderia chamar o segundo nacionalismo da Europa oriental, um nacionalismo diretamente ligado à idéia de democracia.

O que se pode concluir é que as duas noções se confundem, na situação que estamos enfocando. O nacionalismo iugoslavo, nascido no século 19, tem resquícios do regime centralizador e autoritário que o engendrou após a Primeira Guerra Mundial. A identidade iugoslava, em contrapartida, é um cadinho nacional em busca das instituições democráticas. Já a lógica étnica comanda uma revisão de fronteiras. Etnias e nacionalismo se mesclam complexa e perigosamente.

OS RISCOS DE CONTÁGIO NOS BALCÃS. CONCLUSÕES

Foi lá que tudo começou e é lá que tudo terminará. Como evitar que a guerra não se estenda a outros pontos sensíveis da ex-Iugoslávia, a começar por Kossovo e a Macedônia? A questão de Kossovo sempre tem sido considerada como uma das mais explosivas na pátria dos eslavos do sul, por uma razão essencial: ela coloca em cena duas comunidades — de um lado os albaneses, que hoje constituem 90% da população, e, do outro, os sérvios, que possuem uma evolução histórica, cultura, língua e religião diferentes. Os albaneses são na maioria muçulmanos, e os sérvios, ortodoxos.

A questão religiosa no mundo é importante, e nos Balcãs perigosa. O problema muçulmano aparece no centro do conflito. Nos Balcãs está o coração do islã europeu. Esse aspecto é por demais notável.

O conflito iugoslavo provocou a maior vaga de refugiados na Europa, depois da Segunda Guerra Mundial. No mês de agosto de 1992, estimava-se que dez por cento dos habitantes da ex-Iugoslávia tiveram que abandonar seus lares, seja para encontrar regiões mais seguras em sua república, seja para se refugiar nas ex-repúblicas iugoslavas vizinhas ou no estrangeiro. No total 2,3 milhões de pessoas fogem aos combates.

Desde 1968, os albaneses exigiam que Kossovo, que é uma província da Sérvia, fosse tratado em pé de igualdade com as seis repúblicas. Tito resolveu o problema concedendo uma

DIFICULDADE DE OS OCIDENTAIS COMPREENDEREM OS PROBLEMAS Balcânicos DE ORIGEM GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E RELIGIOSA



MAPA 5 — A Nova República da ex-Iugoslávia

grande autonomia a Kosovo, na Constituição de 1974. Mas, novamente, em 1981, os albaneses foram reprimidos. Em 1990, a autonomia de Kosovo é abolida. O sérvio torna-se a língua oficial. Os nomes das ruas são reescritos em cirílico, já que os albaneses utilizam o alfabeto latino. Os albaneses vivem, de fato, sob um regime de ocupação. O resultado é catastrófico. Os sérvios, já que Kosovo é o berço de sua história medieval, unem-se em torno da causa sagrada de Kosovo. Uma guerra em Kosovo desestabilizará toda a região. A vizinha Albânia dificilmente ficará neutra. A Macedônia pos-

sui entre 400 e 700 mil albaneses. É o outro fator complicador.

A questão macedônia, que foi a origem das duas guerras balcânicas do início do século, é de suma importância. A Grécia clama que o nome de Macedônia pertence exclusivamente a seu patrimônio histórico. Após o comparecimento a um simpósio na Grécia, em 1992, onde o assunto foi debatido, e intensa leitura especializada, estou convencido do acerto do ponto-de-vista grego. Convidada a mudar seu nome pela Comunidade de Estados Europeus (CEE), a Macedônia encontra-se perigosamente isolada, cer-

cada de vizinhos, hostis, como a Sérvia, a Grécia, a Bulgária e a Albânia. A minoria sérvia da Macedônia, algumas dezenas de milhares de pessoas, está em retirada.

Creio que os fatores enunciados até aqui, senão são a totalidade dos problemas da região balcânica, ao menos servem para alertar sobre os riscos e perigos de contágio, na área.

Ainda queremos acrescentar que depois do fim da União Soviética, os povos muçulmanos das antigas repúblicas da Ásia Central passaram por muitas transformações, inclusive ganhando liberdade. Pode-se dizer que, a filosofia de Lenine se curvou ante a espiritualidade do enviado de Alá. Antes, o islamismo era visto apenas como uma religião e uma cultura, mas, hoje, ele caminha a passos largos para se tornar uma ideologia. E, na realidade, ele já começa a ser usado para congregar as inegáveis paixões nacionalistas de algumas nações da Comunidade de Estados Independentes (CEI).

A título de conclusão, lembramos que os fatores étnicos existentes nos Bálcãs, o renascido e crescente sentimento nacionalista daquela região e de muitas outras partes do mundo, inclusive em países altamente desenvolvidos do primeiro escalão, a ideologia religiosa fanática e discriminatória, a intolerância, o egoísmo econômico, e a busca de retomada de fronteiras geográficas de memória histórica fazem da região balcânica o estopim que, colocado ao lado do germe do renascimento do império otomano, poderão fazer explodir mais uma crise de di-

mensões inimagináveis.

Àqueles que crêem que a humanidade abandonou o emprego das guerras, que as forças armadas vivem uma crise existencial, e que no mundo moderno não existe mais lugar para um conflito generalizado, lembro que devem levantar o olhar para além do horizonte e, se necessário, estender as pernas e a coluna vertebral, a fim de que possa ser visto um panorama mais amplo. Não nos esqueçamos que o solo balcânico recentemente sorveu sangue brasileiro, de um oficial do nosso Exército ferido gravemente quando em serviço representando o nosso país, em atenção a compromisso internacional. Roguemos a Deus que a paz mundial seja alcançada, mas não deixemos que a miopia de uns tantos propicie uma balcanização ou libanização no nosso território, tão sabiamente conquistado, mantido e defendido pelos que nos antecederam.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 *Atlas dos povos da Europa Central*. La Découverte, 192 páginas.
- 2 BÉHAR, Pierre. *O austro-húngaro, idéias do porvir*. Desjonquières, 1991.
- 3 CASTELLAN, Georges. *História dos Bálcãs*. FAYARD, 543 páginas.
- 4 COZZA, Dino Willy. *A influência do Corão no pensamento estratégico militar*. Revista "A Defesa Nacional", n.º 754 — Out/Dez - 91. Rio de Janeiro.
- 5 FEJTÓ, François. *Requiem por um império defunto*. Lieu Commun, 440p.
- 6 GARDE, Paul. *Vida e morte da Iugoslávia*.
- 7 MANTRAN, Robert. *A história do império otomano*. FAYARD, 810 páginas.

DIFICULDADE DE OS OCIDENTAIS COMPREENDEREM OS PROBLEMAS Balcânicos DE ORIGEM GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E RELIGIOSA

- 8 PAVLOVIC, Stefan. *O improvável sobrevivente, Iugoslávia e seus problemas (1918-1981)*. C. Hurst and Cie, Londres.
- 9 POPOVIC, Alexandre. *Os muçulmanos iugoslavos*. L'Age d'Homme, 68 páginas.
- 10 Revista "HERODOTE". *Balcãs e balcani-*

- zação*.
- 11 Revista "LIBÉRATION". Nº 10. Novembro 1992.
- 12 RUPNIK, Jacques, e outros. *De Sarajevo a Sarajevo, l'échec yougoslave*. Complexe, 250 páginas.



DINO WILLY COZZA, nasceu em São Paulo-SP, em dezoito de setembro de 1935. Serviu à Marinha por quarenta anos, estando agora na Reserva, no Posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra do Corpo de Fuzileiros Navais. Na ativa, participou de 21 cursos, inclusive o de Política e Estratégia Marítima, da Escola de Guerra Naval. É membro efetivo da Associação Brasileira de Educação, sócio fundador do Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos, sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Geografia, Ordem dos Jornalistas do Brasil, Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, Academia Maçônica de Letras, Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, e sócio-correspondente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. Possui vinte trabalhos publicados em boletins, cadernos, revistas e anais.



ANÁLISE DA APLICAÇÃO ESTRATÉGICA DO PODER AERO- ESPACIAL NO CONFLITO DO GOLFO PÉRSICO(*)

João Eduardo Magalhães Motta

Na Guerra do Golfo Pérsico, a importância do poder aeroespacial pôde mostrar-se em dimensões nunca vistas anteriormente. Este artigo dedica-se a analisar a face estratégica de sua aplicação nesse conflito.

INTRODUÇÃO

O conflito do Golfo, entre o Iraque e a coalizão liderada pelos Estados Unidos, diferiu de todos os demais ocorridos na história recente da humanidade.

Sua característica principal foi ser uma guerra de estoque contra produção.

Seu objetivo declarado foi a liberação do Kuwait.

Este ensaio, esquematicamente organizado, propõe-se a analisá-lo em função da estratégia do poder aeroespacial nele posta em prática.

ETAPAS ESTRATÉGICAS DO CONFLITO

Primeira Etapa — Preparação

Correspondeu à aquisição e acumulação, por parte do Iraque, de um poder militar centrado em meios terrestres e aéreos, nestes incluídos uma par-

* Selecionado pelo PADECEME

ANÁLISE DA APLICAÇÃO ESTRATÉGICA DO PODER AEROESPACIAL NO CONFLITO DO GOLFO PÉRSICO

cela razoável de mísseis (estoque) e na distribuição, proteção e camuflagem de seus meios por todo o território iraquiano (estoque descentralizado).

A invasão do Kuwait, em agosto de 1990, foi o estopim do conflito.

Segunda Etapa — Desdobramento

Nessa etapa, o Iraque aprimorou suas defesas e agiu política e psicologicamente visando a evitar a coalizão que contra ele se aglutinou (União Árabe e Guerra Santa).

Os Estados Unidos procuraram, diplomaticamente, tecer a rede das nações com que esperava contar e, junto à Organização das Nações Unidas, manobram para obter o embargo econômico e o consentimento para a ação militar.

O presidente Bush procurou o apoio da sociedade americana e do mundo e conseguiu uma posição neutra da URSS e de Israel.

Os Estados Unidos desdobram suas forças para as ações bélicas que se prenunciavam.

Os demais países da coalizão desdobram também suas forças, em apoio à estratégia americana. Os atores estavam no palco.

O GRANDE ANFITEATRO

As operações aero-estratégicas vão se desenrolar de acordo com suas fases clássicas.

1.ª Fase: *Obtenção de Superioridade Aérea no Teatro*

As forças da coalizão deram início à operação com total superioridade aérea. As primeiras operações visaram a aumentar o grau dessa superioridade, pela destruição, no solo e/ou no ar, do poder aéreo iraquiano, com uso maciço de tecnologia de ponta.

O teatro-de-operações, integrado pelo território iraquiano, mais o Kuwait ocupado, pôde ser atingido por ataques vindos de todas as direções, a qualquer hora do dia ou da noite.

O Iraque não teve meios de atacar simultaneamente as bases de partida dos meios aéreos que o ameaçavam, dispersos ao seu redor, inclusive nos porta-aviões americanos. Muito menos as fontes industriais de recursos de toda a sorte, localizadas a milhares de quilômetros de distância, nos EUA e Europa.

As forças da coalizão dispunham de sofisticada rede de comunicações, controle e comando (CCC), calcada em aviões AWAC e satélites localizados de modo a permitir cobertura completa e contínua de toda a área afetada.

O Iraque, desdobrado, camuflado e estocado, aguardou o início das operações, sem os mesmos recursos e sem a sofisticação de meios de seus inimigos.

15 de janeiro foi a data limite.

Poucas horas após o prazo determinado pela ONU, os EUA atacaram com o que se poderia supor um efeito arrasador. O mundo esperava a solução do conflito em horas.

O Iraque não aceitou o desafio, mantendo a ameaça potencial com suas aeronaves inativas e camufladas. As perdas foram mínimas.

O conflito assumiu um ritmo forte do lado atacante com respostas de anti-aérea por parte do Iraque. Esporadicamente, foi lançado um míssil SCUD contra Israel, visando a provocar sua retaliação e a revolta dos países árabes, que passariam a apoiar o Iraque em uma Guerra Santa.

A duração era indeterminada.

2ª Fase: Destruição dos Sistemas Vitais do Inimigo

• Sistema Energético

A vulnerabilidade estratégica do Iraque, no que tange os combustíveis, era muito pequena, face a suas enormes reservas e capacidade de refinação.

O sistema de energia elétrica, com base no óleo, era suficientemente descentralizado para que não fosse vital, mesmo porque o parque industrial iraquiano não era um sistema vital. Sua vulnerabilidade estratégica era bastante baixa.

• Sistema de Transporte

Marítimo — Irrelevante no conflito. Havia um total isolamento do Teatro.
Fluvial — Inexpressivo.

Terrestre — O Iraque começou as operações militares com seus estoques distribuídos por todo o país, junto aos pontos onde seriam consumidos. Com isso, o uso das estradas, onde os veículos poderiam ser atacados, foi bastante restrito, reduzindo a vulnerabilidade estratégica do sub-sistema.

• Sistema Industrial

Os recursos militares das duas forças engajadas, terrestre e aérea, eram basicamente importados — aviões, he-

licópteros, veículos blindados, mísseis, armamento pesado e equipamentos eletrônicos — fazendo com que o parque industrial não representasse um sistema cuja destruição tivesse impacto estratégico.

• Sistema Político Administrativo

O ataque a esse sistema mostrou-se muito ineficiente em todos os conflitos onde o Poder Aéreo Estratégico foi aplicado de forma sistemática. Na Alemanha e no Japão ele foi incapaz de provocar qualquer efeito decisivo. O mesmo ocorreu no Golfo.

As redes de comunicações, comando e controle, com indicação de serem de difícil destruição, não representaram objetivo estratégico vital.

POSTURA AERO-ESTRATÉGICA DO IRAQUE

O poder aéreo árabe só pôde agir estrategicamente, tentando quebrar a unidade dos países que apoiavam os EUA, com ataques a Israel, na esperança de que um revide viesse a provocar a revolta dos demais países árabes. Os ataques foram intermitentes, de pequena monta e sem precisão.

Israel não aceitou a provocação e manteve sua ameaça com potencial convencional e nuclear.

Saddam Hussein manteve todas as suas ameaças, inclusive de uso de armas químicas, procurando ganhar tempo.

Nas duas etapas ambos os lados agiram de acordo com seus planos e tudo indica que estavam em suas melhores condições no início do conflito.

O CONFLITO

As ações aero-estratégicas não obtiveram resultados iniciais significativos, pela inexistência de sistemas vitais que oferecessem alvos cuja destruição provocassem a desintegração do poder iraquiano.

Em conseqüências, as ações foram concentradas contra as vias de transporte e o sistema de comunicações, o que levou a um pouco mais de tempo na obtenção dos resultados desejados.

A Força Aérea do Iraque manteve sua quase total integridade por sua não utilização, continuando a representar uma ameaça para a fase tática da campanha.

Duração-Variável de controle

Desde o período que antecedeu as operações, a duração do conflito foi a variável determinante da Estratégia.

As nações consorciais tinham todo o interesse em resolver o problema no mínimo de tempo possível, o que tentaram por ações estratégicas, sendo, a seguir forçadas a conseguir por meios táticos. Pelo menos no que tange ao emprego do poder aéreo.

A demora em obter um resultado final podia ter uma ou mais das seguintes conseqüências:

- encarecimento desmesurado de todo o conflito;
- aumento das perdas humanas aliadas;
- possível redução do apoio da sociedade, principalmente nos EUA;
- risco de cisão entre os países consorciados, no caso de as provocações a Israel terem resultado em reação vio-

lenta;

- risco de intervenção do Irã, em favor do Iraque;
- incerteza quanto ao comportamento da URSS.

Em contrapartida, o aumento da duração devia levar à exaustão dos estoques iraquianos, mesmo que o atrito não fosse rápido.

O Iraque tinha interesse oposto, o que caracterizou a duração como a variável de controle.

O Iraque mantinha algumas esperanças:

- esperança de que o tempo e as perdas provocassem a desagregação aliada, principalmente pela reação aos ataques a Israel;
- esperança de que a URSS viesse a suprir a redução de seu estoque;
- esperança de que a ONU viesse a sofrer pressões e determinasse a suspensão das operações.

Em contrapartida, correu o risco de ver seus estoques esgotados antes de atingir os resultados esperados, o que poderia levá-lo a precipitar as operações táticas.

Fase Tática

A não solução rápida da guerra, pela aplicação estratégica do poder aéreo, levou as forças em oposição a preparar-se para operações táticas de superfície, apoiadas pelos elementos aéreos.

Invasão territorial, combates entre blindados, avanços e retrocessos levariam a uma batalha mais aproximada da que se conheceu nos desertos da África na Segunda Guerra Mundial, não obstante a muito maior sofisticação

tecnológica dos meios empregados.

Não era provável que o conflito chegasse a esse estágio, mas se chegasse, o poder aéreo seria empregado de acordo com a doutrina clássica desenvolvida nos últimos 50 anos:

- conquista da superioridade aérea sobre o campo-de-batalha (já obtida);
- isolamento do campo-de-batalha (em andamento);
- apoio às forças de superfície no campo-de-batalha.

Se essa hipótese viesse a verificar-se, o Iraque não poderia furtar-se ao combate e seu desgaste seria enorme, visto a disparidade das forças envolvidas. Ele levava a vantagem da experiência de oito anos de luta no deserto, a desvantagem de um estoque limitado (já bastante desgastado) e a inferioridade tecnológica e de apoio aéreo.

O esgotamento dos estoques iraquianos deveria levar seu governo a negociar as condições de paz, ou admitir a derrota.

A variável de controle, duração, continuou com seu papel preponderante.

A fase tática durou poucos dias. A superioridade aérea foi absoluta. O Kuwait foi isolado pelas forças terrestres apoiadas pelo poder aéreo. As forças navais martelaram objetivos ao longo da costa do Golfo usando aviação embarcada e mísseis. O campo operativo estava preparado para a cirurgia.

A Invasão

Não durou mais que 100 (cem) horas.

As tropas iraquianas encurraladas

tentavam fugir. O poder aéreo, empregado taticamente, apoiava as operações terrestres cortando os meios de comunicação, destruindo, de dia e de noite, tudo que se mexesse no solo. A superioridade dos blindados aliados destruiu o que restava das forças de Saddam. As tropas se rendiam, milhares de prisioneiros, e a guerra chegou ao fim.

ENSINAMENTOS

Emprego Estratégico

- O desdobramento inicial, ao longo de parte do perímetro do Iraque, permitiu que ataques fossem realizados simultaneamente a todos os sistemas vitais.

- O dimensionamento adequado da força disponível permitiu manter o ataque de forma contínua e em dosagem suficiente.

- A prioridade na seleção dos sistemas a atacar foi muito boa, sendo de destacar:

- destruição do sistema de detecção aérea, pelo ataque às estações de radar, deixando o inimigo "cego". Ataque sistemático às bases aéreas, mantendo a aviação iraquiana no chão. Essas duas ações estão ligadas diretamente à primeira fase — superioridade aérea. A tática dos ataques noturnos foi consequência da "cegueira eletrônica", visando a diminuir as perdas;
- destruição dos sistemas de comunicações, visando a dificultar as ações de comando;
- ataque às vias de comunicações

com destruição de pontes e obras de arte e do tráfego rodoviário, inviabilizando a operação do sistema logístico, militar e civil;

— ataque ao sistema energético, inviabilizando a continuação da vida normal da sociedade;

— ataque ao sistema político administrativo que, ainda mais uma vez, não parece, para uma análise rápida, ter provocado resultados decisivos.

• A precisão das novas armas, mísseis inteligentes, comprovou a evolução das táticas de emprego, principalmente nas operações estratégicas. Entre elas:

— as grandes formações de bombardeio são coisa do passado. O avião de caça evoluiu e assumiu, em toda plenitude, a posição de arma ofensiva, única capaz de decidir a guerra;

— os combates aéreos, a curta distância, desapareceram com o surgimento dos mísseis ar-ar, só podendo ter lugar entre forças aéreas de segunda categoria;

— o risco da aeronave atacante diminuiu pela possibilidade de “iluminar” o alvo por meios eletrônicos (laser ou outro qualquer), lançar o míssil e afastar-se sem penetrar no volume de espaço letal batido pela artilharia antiaérea convencional;

— a redução do erro circular médio dos mísseis diminuiu drasticamente a tonelagem de armamento necessária para obter-se determinada quantidade de destruição.

• A redução do número de vetores necessários — porém muito mais complexos — para obtenção de um mesmo resultado diminuiu os problemas logís-

ticos e os de treinamento e recomplementamento de pessoal, gerando, em contrapartida, a exigência de tripulações com nível de conhecimento teórico muito mais elevado, o mesmo ocorrendo com o pessoal da manutenção.

• A evolução de todo o sistema de controle, comando e comunicações, com as aeronaves AWACS e os satélites de observação, transferiu para fora da nacele do caça grande quantidade de tomadas de decisão, de vez que a observação do espaço e da superfície terrestre é feita por meios eletrônicos e gerenciada por computadores. A eles cabe também a seleção e priorização dos alvos a serem atacados, no solo ou no espaço. Mesmo dentro da nacele, as mudanças foram profundas — o piloto é mais um gerente de sistemas do que um piloto de combate no sentido convencional do termo.

• O emprego dos mísseis SCUD, contra Israel, que deveria classificar-se como emprego estratégico, na realidade fuge um pouco a essa concepção, por vários motivos:

— Israel não era inimigo declarado;

— nenhum dos sistemas atacados era vital para os Aliados — se é que os ataques foram orientados contra algum sistema. Mais pareciam lançamentos aleatórios, sem objetivo, ou mesmo alvo definido;

— a conotação estratégica dessas ações se configura como tentativa de desestabilizar a união política dos Aliados, provocada por uma possível retaliação de Israel.

Difícilmente esses lançamentos podem ser interpretados como emprego estratégico do poder aéreo. Talvez

como ato de desespero fosse mais correto.

Emprego Tático

- O absoluto domínio do ar sobre o campo-de-batalha, território do Kuwait, já decorrente das operações aeroestratégicas, dispensou a 1.^a fase desse emprego.

- O isolamento do campo-de-batalha foi assegurado com a destruição das vias de comunicações terrestres, que também fazia parte da campanha estratégica, e pelo bloqueio naval da costa do Kuwait, frente ao Golfo, embora não houvesse a menor probabilidade de que reforços de qualquer tipo por aí chegassem às forças iraquianas.

- Tomada a decisão do emprego das forças de superfície, a 3.^a fase do emprego tático se desenrolou dentro da doutrina básica desenvolvida desde a II Guerra Mundial, adequada à evolução dos meios atuais:

- emprego de aeronaves com maior capacidade de carga destrutiva e maior velocidade;

- emprego de mísseis ar-terra e de sistema gerenciador do lançamento de bombas, ambos com elevado grau de precisão de acerto;

- emprego de helicópteros no deslocamento de tropas, em quantidade considerável, permitindo o envolvimento das forças inimigas entrenchadas no terreno;

- emprego de helicópteros, com elevada mobilidade, no ataque aos blindados iraquianos e a outras tropas motorizadas.

Defesa Aérea

- Convencional

A Artilharia Antiaérea convencional perdeu muito de sua eficiência, por dois motivos:

- os lançamentos de bombas pelos caças passou a ser feito de grande altura;

- as armas convencionais não apresentaram melhoria sensível no período pós-II Guerra Mundial — mesmo alcance e mesma velocidade dos projéteis. Razoável aumento de cadência.

- Míssil Terra-Ar

Somente Israel se utilizou dessa arma, lançando o *PATRIOT* (americanos) contra os *SCUDS* (russos), com bom grau de acerto.

Essa é a arma a temer pelas aeronaves atacantes, embora sua eficiência contra vetores tripulados deva mostrar-se menor do que contra mísseis, sejam eles terra-terra ou ar-terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nível de eficácia das armas e sistemas atingiu um ponto em que o poder aéreo, isoladamente, pode decidir o conflito, deixando às forças de superfície a missão de ocupar o terreno, apoiada pelo poder aéreo em operações táticas.

A variável duração permaneceu como de controle durante todo o conflito.

Os meios eletrônicos assumiram papel preponderante, confirmando a pesquisa e o desenvolvimento de novas tecnologias como fator decisivo do po-

der nacional.

A tática de emprego continuou condicionada pelo desenvolvimento tecnológico.

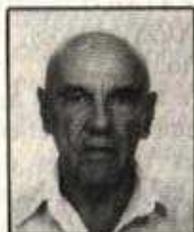
A formação do militar tem que ser adequada ao nível do desenvolvimento tecnológico das armas, para que estas possam ser empregadas eficientemente.

A duração de um conflito será determinada pelo tempo necessário para causar danos a um ou mais dos sistemas vitais do inimigo, capaz de desestabilizar sua capacidade de continuar na luta.

O início da fase tática, sempre que possível, deverá aguardar que os efeitos da destruição dos sistemas vitais do inimigo comecem a se fazer sentir, de modo a reduzir, ao mínimo, as perdas decorrentes dos combates de superfície.

As perdas das forças atacantes foram muito pequenas, devido à enorme superioridade aérea.

A destruição dos alvos pode ser minimizada pela precisão "cirúrgica" do ataque aéreo, reduzindo e delimitando, também, os efeitos sobre a população civil.



Brigadeiro-do-Ar Reformado JOÃO EDUARDO MAGALHÃES MOTTA — Aspirante-a-Oficial Aviador em 30 de setembro de 1942, possui os cursos da EDOAR, ECEMAR, ESG, Manutenção de Aeronaves, da US Navy (EUA), Piloto de Patrulha — PV-1 da USBATU (Natal, RN), Piloto de Caça (EUA), Piloto de Reconhecimento (CTA, SP), Manutenção de Motores à Reação da Rolls Royce (Inglaterra). Foi piloto operacional de caça, patrulha, bombardeio, transporte e reconhecimento. Cumpriu 96 missões de patrulha anti-submarina durante a II Guerra Mundial. Ao passar para a reserva, possuía 9.900 horas de voo. Comandou diversas OM operacionais da FAB e foi instrutor de diferentes escolas da Força Aérea, inclusive da EDOAR e da ECEMAR. Foi chefe de comissão de recebimento de aviões P-47 (EUA) e de aviões GLOESTER (Grã-Bretanha), Assistente da Força Aérea do EMFA e membro da Comissão Mista de Defesa Brasil/EUA. Atualmente, é membro vitalício do Conselho Superior do INCAER — Cadeira Mal Trompowski, e vice-presidente da Associação Brasileira de Acrobacia (ACRO).